

MACEDO E BOCAGE: UM DUELO DE VAIDADES

Maria Ivone de Ornellas de Andrade

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

*Posteridade, és tu quem sobre a campa,
[...] O selo me bás-de pôr da glória, e honra, [...]
O nome aclamarão do homem que soube,
Às Musas dar emprego, à Pátria glória.*

Macedo, A Meditação

*Eis os tempos, a inveja, a morte, o Letes
[...] Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!*

Bocage

São de crise os tempos no fim do século XVIII, vive-se o período mais agitado desde o cisma da Reforma. As Luzes introduzem a dimensão crítica no pensar e constituem em si mesmas uma para-revolução que, num crescendo de consciência colectiva, resulta na Revolução Francesa, epicentro de uma ruptura na vivência dos povos da Europa do Ocidente. Assiste-se a uma ruptura civilizacional. De gestação prolongada, a nova mentalidade acaba por englobar todas as latitudes da cultura europeia. O fenómeno revolucionário, ao mudar a monarquia em república, dá lugar a textos fundadores na ordem política, económica e social (lembramos a *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen*). Estes seduzem povos e vivências com as neófitas propostas de forma de governação e, no mínimo, questionam o modelo tradicional monárquico de signo absoluto. Os gestos éticos e estéticos transfiguram-se igualmente, passam por um fenómeno de ressemantização que enforma o *logos* da nova cultura.

Uma nação periférica, subordinada intelectualmente aos centros hegemónicos, as mais das vezes limita-se a ecoar o que noutras latitudes se produz. O discurso tradicional da Igreja ou Vulgata ortodoxa, apesar do bem sucedido movimento apologético do século XVII e mesmo do XVIII, perdera certa eficácia combativa. Vivía-se o “sonho de uma razão cristã marcada pela recordação de ter sido a norma de toda a razão”¹. Apesar dos esforços profiláticos levados a cabo pela tradição, todos os domínios da vivência e do pensamento reajustam-se ao novo ritmo da História. Apresentava-se nítido que estava a terminar a era da religião como cultura dominante. De certo modo o filosofismo acabava por fazer parte de uma filosofia geral. A presença de livres-pensadores e de libertinos (mesmo reduzidos à expressão mais fraca, isto é, apenas de ordem moral) iniciara a opinião pública na discussão de certos temas, criara espectadores do teatro de ideias, cada vez menos afectados pelo escândalo das novidades. Na “história do ocidente, a secularização é um acontecimento cultural em que o mundo e a sociedade entram, pela primeira vez, nos projectos racionais da compreensão humana, o que significa

¹ Frase de Emile Poulat cit. por MOISÉS Lemos MARTINS, in *O Olho de Deus no Discurso Salazarista*, Porto, Ed. Afrontamento, 1990, p. 43.

fundamentalmente que o mundo e a sociedade fogem à tutela da Igreja e da Religião, isto é, começam por si mesmos, a projectar, racionalmente, o seu próprio futuro”². A ciência ressemantizava as figuras institucionais da sociedade europeia a que o Portugal Velho não se podia subtrair.

1. Coincidências de percursos diversos

José Agostinho de Macedo e José Maria Barbosa du Bocage são contemporâneos desta grande viragem, muito embora demorem a ter clara consciência de que se operava uma conversão na alma da cultura. Em Portugal, sob o beneplácito de D. José I e em pleno consulado pombalino, os dois testemunham o deslocamento das perspectivas económico-sócio-políticas e também culturais, por via do *aggiornamento* do ensino, com a Reforma da Universidade de Coimbra, em 1772. Assistem igualmente ao contrito reinado mariano e, declarada louca D. Maria I, à regência do Príncipe D. João.

Sem contar com os quatro anos que medeiam entre o nascimento de Macedo e de Bocage (1761 e 1765), nascidos ambos em Setembro com escassos dias de intervalo, poderiam festejar o aniversário conjuntamente. As coincidências cronológicas quedam-se por aqui, mas algumas similitudes concorrem com insuspeitas aproximações. Nasceram desprovidos de meios de fortuna e, assim, enquanto o primeiro, a contragosto e por imposição paterna, vem a pertencer ao Clero, um dos braços prestigiados da sociedade coeva; José Maria, filho segundo, acaba por optar pela carreira das armas, a qual, ao manifestar-se pouco criativa, vem a abandonar.

Poderíamos pensar que José Agostinho, em virtude da formação eclesiástica, ao fazer parte de uma ordem hegemónica do reino, teria a vida facilitada, e que Bocage, sem outros títulos que o seu talento, enfrentaria mais dificuldades em afirmar-se numa sociedade senhorial, hierarquizada verticalmente em três ordens: Clero, Nobreza e Terceiro Estado ou Povo, fórmula estruturante dos reinos europeus. Estavam-lhes, porém, reservados trabalhos de idêntica monta. Interiorizado o sentimento de uma genialidade própria, cada um trabalha para o reconhecimento dos contemporâneos. Atingir com êxito esta tarefa dependia sobretudo do engenho pessoal em saber propagandear os dons naturais, a fim de cativar as boas vontades de um mecenato esgotado pela excessiva oferta. Afirma João Palma Ferreira:

*O mecenato era [...] uma das únicas possibilidades de sobrevivência do artista [...]. O poeta, relegado para o exercício de cronista da estúrdia, sem verdadeira consciência cultural, afastado do conhecimento da doutrinação política do século, isolado no contexto de uma sociedade [...], humilha-se a pedir um vestido, um favor sem grandeza, uma festa de beneficência [...], um jantar ou um quarto onde acabe a vida, na miséria e na solidão.*³

Neste âmbito, Garrett deixou-nos um testemunho importante na *Lyrica de João Minimo* (1829), onde o autor expressa claramente as dúvidas que o assaltaram em se apresentar como poeta e conclui: no reino, a sua condição social era sinónimo de “andar maltrapilho, viver vida cínica pelos cafés e bilhares do Chiado”. Em França, seguia-se o debute no *salon littéraire*, reino da opinião, onde a oralidade se convertia numa espécie *sui generis* de Imprensa⁴. Nesta república um tanto boémia, aprendia-se a igualdade (intelectual), humanizava-se o orgulho de casta.

Segundo Robert Darnton, só a Revolução irá inverter a linha divisória que opunha salão *uersus* café. A sua obra analisa as vicissitudes da evolução social dos literatos, sobretudo daquela imensidão de farrapos de pão e de glória que enchiam as mansardas e, na falta de talento, sorte ou mecenato (às vezes tudo junto) se entregavam à subliteratura, particularmente ao libelo erótico-político⁵.

Na verdade, sabemos, o poder literário como poder social terá de esperar pelo Romantismo. Só com a sua chegada se opera a legitimação do poder social do criador, em especial do poeta. Na maioria

2 Vide a excelente comunicação de MIGUEL Baptista PEREIRA, “Iluminismo e Secularização”, in *Revista de História das Ideias*, vol. IV, t. II, Coimbra, 1983, pp. 443, 485 e 490.

3 Cf. João PALMA FERREIRA, “Tomás Pinto Brandão”, in *Obscuros e Marginados: estudos de cultura portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, p. 96. Itálico no original.

4 Cf. *Les Grands Salons Littéraires (XVIIe & XVIIIe)*. *Conférences du Musée Carnavalet* (1927), Paris, Payot, 1927.

5 Cf. Robert DARNTON, *Boémia Literária e Revolução. O Submundo das Letras no Antigo Regime*, São Paulo, Ed. Schwarcz Lda. 1989, pp. 14-15, 18, 24, 47 e 49. Os libelos, afirma o autor, mesmo pornográficos, “exibiam curiosa tendência moralizante [...] o panfletarismo rude dos subliteratos foi revolucionário enquanto sentimento e enquanto mensagem” (pp. 44 e 49).

dos casos, a celebridade alcançada não garantia aos autores setecentistas qualquer estatuto; se o tinham, decorria de pertencerem à nobreza ou à protecção desta.

Com efeito, dos Pirinéus para cá, a sociedade senhorial não só enfermava da falta de burguesias mas, igualmente, de uma *élite* pensante. Burguesia maioritariamente destituída de consciência de classe, cuja aspiração mais profunda consistia em inserir-se no estrato privilegiado – a aristocracia. Em Portugal, apenas uma pequeníssima franja tem acesso às Luzes e, em consequência do esmagador analfabetismo, este diminuto núcleo letrado mal chega para dinamizar política e culturalmente uma população divorciada de si própria. Na tentativa de “aprisionar” a todo o custo uma visão do mundo em transe de conversão, a passividade das gentes interessava ao Poder, importava por todos os meios perpetuar a mesmidade, o *status quo* social, garantia da longevidade da monarquia absoluta. Para isso a censura⁶ e, pior, a auto censura eram os garantes da manutenção do sistema.

Tanto Macedo como Bocage cedo se entregam à boémia pobre. Como frade, José Agostinho conhece o Limoeiro seis anos antes de Bocage, em 1791. A este cárcere seguiu-se ainda o do Castelo de S. Jorge. Fora condenado por múltiplos escândalos: desacatos, crimes de concubinato e roubo de livros. Tendo professado aos dezassete na Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, vem a conhecer a expulsão perpétua da Ordem pelo acórdão do Definitório do convento dos graciosos, regressando ao pleno exercício no estado de presbítero secular, em 1794, como se jamais tivesse sofrido um processo canónico. E não ficamos por aqui, Frei José Agostinho teria igualmente de prestar contas ao Santo Ofício por mor de quatro queixas apresentadas por corte amorosa e impiedade, acaso os processos destas denúncias não tivessem sido suspensos. As Invasões vieram interromper toda a vida normal do reino e estes acabaram por ficar sem efeito.

Enquanto Frei Agostinho, avesso a uma vida cenobítica, se entrega à estúrdia e dissipa assim catorze anos de vida conventual, Bocage, órfão de mãe, a crescer sem o agasalho paterno⁷, leva praticamente o mesmo tempo, entremeando a vida de estudante com a boémia. Ainda adolescente, como voluntário, assenta praça no Regimento de Infantaria de Setúbal, onde passa algum tempo; aos dezoito anos, alista-se, em Lisboa, na Companhia dos Guardas Marinhas (não confundir com a Academia dos Guardas Marinhas, criada posteriormente). Embora venha a desertar dez meses depois para se entregar completamente à farra alfacinha, este estoira-vergas, dada a precocidade poética, além de animar o Botequim Nicola, já frequenta casas nobres onde, a troco de jantares e de alguma fama, desenfastia saraus e dá colorido a enfadonhos *outeiros* com os seus sonetos improvisados e ditirambos. Seguindo o hábito, também oferece letras para as *modinhas* brasileiras. Demasiado jovem e presa fácil de *amourettes*, converte para verso os desaires sentimentais e perpetua bucólicas Armias, Márcias, Anardas, Nises, Lénias e outras mais.

Apesar de não ter frequentado todo o curso na Companhia, Bocage vê-se nomeado guarda-marinha por mercê régia e, feitos vinte e um anos, no mês de Abril de 1786, por “Um vivo amor de nome e fama”, encontramos-lo feito ao mar na nau Nossa Senhora da Vida, rumo à Índia. Após uma escala pelo Rio de Janeiro e outra por Moçambique, chega a Goa a 29 de Outubro. Aqui prossegue os estudos militares, frequenta a Aula Real da Marinha, mas “por causa legítima” (sabemos tratar-se de doença), não se apresentou a exame. Por dois anos sentiu uma vida geminada ao seu celebrado herói e modelo:

6 Recordemos as proibições dos títulos estampados no edital de 24 de Setembro de 1770 para vermos como a largueza do espírito pombalino coincidia já com a profilaxia apologética. Observemos uma amostra: O *Essay Concerning the Human Understanding* de Locke só era lido com licença especial. A juventude não teve acesso à brincadeira séria das *Lettres Persanes* de Montesquieu, proibidas na classe do livro libertino; não leu o *Candide* do agitador Voltaire, nem a leitura subversiva do Rousseau do *Emile* ou as suas *Confessions*, que mereceram da parte de Pereira de Figueiredo o curioso encómio - à la Bruyère -, de “prostituição de modéstia”. O *Elogio da Loucura* de Erasmo passou para o *Index*, Bodin foi visto com reservas, Diderot censurado, e *Le Vrai Sens du Systeme de la Nature* de Helvétius, classificado de venenoso, acabou em chamas na praça pública. É verdade que foi anulada a famigerada segregação entre cristãos-novos e cristãos-velhos, pelo édito perpétuo de 1773 (25 de Maio), não foi, todavia, permitida a leitura do temível Espinosa, nem tão-pouco de Hobbes, de Bayle, de La Mettrie e de Collins. O edital vem na sequência da “Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros”, criada em 15 de Abril de 1767.

7 O pai, bacharel em Cânones e com talento de poeta, tinha sido nomeado, em 1767, como ouvidor para a comarca de Beja. Em 1770, acusado por não ter apresentado contas da arrecadação da décima referente ao ano 1769, já em Setúbal, em 1771, foi conduzido à cadeia e transitou para o Limoeiro por seis anos.

*Camões, grande Camões, quão semelhante
 Aebo teu fado ao meu, quando os cotejo!
 [...] Modelo meu és, mas... ó tristeza!
 Se te imito nos transe da Ventura,
 Não te imito nos dons da Natureza.*

Nada atraído pela cultura oriental, indiferente ao exotismo que pela Europa já despertava interesse, passados dois anos Bocage deserta novamente, abandona o posto para que tinha sido nomeado na Guarnição de Damão. Ultrapassadas inúmeras vicissitudes e graças a benévolo acolhimento, regressa à pátria promovido a tenente, em virtude da sua participação na *Conspiração dos Pintos*. Na bagagem traz tanto desencanto como saudades. Desconhecidos os seus talentos por terras indianas – “terra sem lei, madrastra de poetas” -, sentiu-se órfão de ribalta e da sua corte de amigos - “Aqui, pela saudade envenenado,” “Aqui ninguém me entende (oh! Negro fado!)”. Sem grandes estímulos que alimentasse o seu estro poético, para ludibriar a solidão, continuou entregue à vida boémia e a orientais amores.

Chegado a Lisboa, em 1790, depara-se com uma desgostosa surpresa: a sua amada (Gertrúria, Gertrudes) havia casado. Desposara seu irmão Gil. Além desta humilhante circunstância, o ramerrão do dia a dia lisboeta fora apenas perturbado pela notícia de uma revolução a grassar em França, novidade que dava azo a especulações expressas na forma de cochichos, não fossem as Moscas, ouvidos do Intendente Pina Manique, denunciar algum atrevimento filosófico, *i. e.*, revolucionário. A troca de ideias dava-se nos centros habituais de encontro: botequins, bilhares e tabernas, alargados ao café, instituição recente onde, na expressiva frase de Hernâni Cidade, por entre “goles de ponche, baforadas de cigarros e espirros de rapé” se aplaudem improvisos, conhecem-se as novas que circulam e põem-se outras a circular.

Entretanto, corria o ano da graça de 1797 (10 de Agosto), acusado Bocage de escrever “papéis ímpios e sediciosos”, é detido por Diogo Inácio de Pina Manique. Na origem estão denúncias à Polícia e ao Santo Ofício que apontam “ímpiedade” manifesta nas suas poesias (as críticas corrosivas dirigidas a instituições e a poderosos, a sua veia erótica e satírica provocariam demasiados *frissons*), sobretudo em “A Epístola a Marília”, onde subversivamente a convida para “a mais velha cerimónia do mundo”... Embora o poema revele uma grande fé num Deus misericordioso, não se enquadra na pura ortodoxia católica e na moralidade do tempo, exala deísmo:

*Pavorosa ilusão da Eternidade,
 [...] Dogma funesto, que remorso arraigas [...]
 Ó Deus! não opressor, não vingativo,
 [...] A peste do implacável fanatismo. [...]
 É Deus, do teu furor, Deus do teu génio;
 Há Deus; mas Deus de paz; Deus de piedade,
 Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
 [...] Amar é um dever além de um gosto; [...]
 Céus não existem, não existe inferno.
 O prémio da virtude é a virtude*

O poeta faz ainda uma tentativa para fugir para o Brasil, mas é encarcerado no Limoeiro, onde permanece até 14 de Novembro. Aqui conhece o “segredo” e, nas epístolas dirigidas a poderosos, ecoam profundos lamentos: “Em sórdida masmorra aferrolhado,/Os membros quase nus, o aspecto horrendo” ou “Cárcere umbroso, do sepulcro imagem”/[...]/A calúnia falaz, de astúcias fértil,/Urdui meus males, afeou meu nome”. Entretanto, a Polícia apreende-lhe manuscritos e demais papéis.

Graças a boas vontades e determinadas influências, o Ministro do Reino José de Seabra da Silva incluído, corrige-se “delito contra o estado” para “erro religioso”. Mercê desta nova redacção, em 7 de Novembro, o poeta subtrai-se, finalmente, à sanha do Intendente (este tencionava retê-lo *ad aeternum*) e passa para os cárceres da Inquisição, aonde permanece até 17 de Fevereiro de 1798. Nesta data, segue para o Mosteiro de São Bento da Saúde e, em 22 do mês seguinte, transita do Convento dos beneditinos para o Hospício de Nossa Senhora das Necessidades. Dirigido por cultos padres, encontrou no

poeta e filólogo Padre Joaquim Foios o seu director espiritual e vive ali pacificamente na companhia dos Nérís. Aproveitando as obras encontradas na biblioteca, inicia-se no trabalho da tradução com *As Metamorfoses* de Ovídio e a *Henriade* de Voltaire.

O calvário só termina em 31 de Dezembro de 1798, o poeta completara trinta e três anos. Quando sai em liberdade, sai diferente, pegou-se-lhe à alma uma incandescência emocional a emprestar outra densidade na poesia posterior. Bocage aprende também um certo gosto pelo isolamento. Sai doutrinado e “reeducado” (?) como pretendiam - “Não sou [...] / Ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo, / Um Deus adoro, a Eternidade temo, / Conheço que há vontade, e não destino” -, frequenta a tertúlia do denominado Agulheiro dos Sábios, no Botequim das Parras, animado “somente de pessoas as mais reputadas de Lisboa”, no dizer do proprietário, José Pedro da Silva, mais conhecido pelo José Pedro das Luminárias, cuida da sua poesia e, como ganha-pão, traduz e faz revisões de provas para a “Casa Literária do Arco do Cego”. Encontrara, enfim, um meio de sustento. Entretanto cresce em prestígio ao publicar o 2.º volume das *Rimas*, em 1799, (com reimpressão em 1802), que, a exemplo do primeiro, não só recebe o aplauso público como goza do reconhecimento do Poder.

Procurámos enquadrar alguns elementos biográficos e sugerir a ambiência de intolerância inquisitorial e terrorismo policial respirada por Macedo e Bocage, a fim de melhor compreendermos os condicionamentos sócio-culturais que determinaram as suas opções, mas também entendermos como os seus percursos diversos nalguns aspectos se entrecruzam e até são idênticos. Ser frade por vontade paterna e, à falta de outro emprego, presbítero, correspondia a possuir estatuto respeitado, o que, claramente, a condição de poeta não ofereceu a Bocage. Se o século XVIII, através das Luzes, tomou consciência de si mesmo, socialmente não dignificou o papel do criador.

2. A sátira no duelo poético

*Tu és radio, és magro, és pobre, és feio
[...] Mas louvar-te a ti mesmo! Ah, pobre Elmano
Doente imaginário, não te queixes
De um mal que ainda não sentes nem mereces;*

Macedo, “Sátira a Manuel Maria do Bocage

*Mas venha o mais! Epístolas, sonetos,
Odes, canções, metamorfoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.*

Bocage, “A Pena de Talião”

É na primeira fase muitíssimo prolongada e agitada pela vadiagem de Frei Macedo, leitor das Luzes e mais ou menos literato, que se inicia a amizade com Bocage. Tornado à capital (1790), sem emprego e desprovido de bens, depressa reencontra na fradaria devassa e na fidalguia marialva o companheirismo de outrora.

O ano do seu regresso da Índia coincide com o da criação da Academia de Belas-Letras, depois denominada Nova Arcádia. Fundada pelo Padre Domingos Caldas Barbosa (*Lereno*), tinha por objectivo fazer renascer a Arcádia Lusitana, extinta em 1774. O Castelo de São Jorge (coincidência interessante) é o pouso certo dos árcades, dádiva do nosso conhecido Intendente, certamente interessado em que o grupo, apenas empenhado em questões literárias e alheio aos anúncios de um mundo em derrocada, assim continuasse para seu sossego. A suspeita de filosofismo recaía sobre quem se dedicava às letras e tanto a Intendência da Polícia como o Santo Ofício vigiavam a propagação das doutrinas filosóficas e/ou políticas.

Em 1791, José Maria do Bocage publica o 1.º volume das *Rimas* - 108 sonetos, sete odes, quatro canções, duas epístolas e cinco idílios - obra muito bem recebida pelo público e que lhe granjeia grande prestígio, fama que, sempre crescente, chega à Corte. O árcade Macedo, *Elmiro Tagideu*, até lhe dedica

um artigo elogioso no *Jornal Encyclopedico*, onde trabalhava.

Bocage já era conhecido no meio literário, mas As *Rimas* vêm celebrar-lhe o talento e conferir uma notoriedade pública acima de suspeitas, excluída a publicidade de amigos e entourage lisonjeiras. Na sequência de antigas amizades e, certamente, do seu reconhecimento, os árcades convidam-no para sócio da recém fundada Nova Arcádia. Para tanto, a partir do seu próprio nome, adota *Elmano Sadino* como pseudónimo.

É por ocasião das festas do nascimento de sua filha, a Princesa Dona Maria Teresa, que os príncipes Dona Carlota Joaquina e D. João convidam a Nova Arcádia para uma sessão no Paço da Ajuda, em 1793. Tanto Macedo como Bocage brilharam pela qualidade dos improvisos, o primeiro em prosa e o segundo, naturalmente, em poesia. Embora se considere esta data como provável para o início dos desentendimentos entre os dois, só vamos ter uma primeira notícia dos seus desaguisados quando o sonetista lançar os primeiros dardos aos sócios da Nova Arcádia - “Vós, ó França, Sementes, Quintanilhas, / *Macedos* e outras pestes condenadas”⁸; circunstância que em muito contribuiu para a desagregação da Academia e posterior encerramento, em 1797. A críspação agudiza-se irremediavelmente com a tradução de *As Metamorfoses* de Ovídio, dada a público por Bocage. Macedo subtraíu-se ao coro unânime e encomiástico. Abertas as hostilidades, o poeta devolverá o toque quando apresentar a tradução de *As Plantas de Castel* (1801).

Agostinho dedicava-se a introduzir um novo género poético em Portugal – a poesia didascálica. Para tanto já publicara *Contemplação da Natureza* (1793). Orgulhava-se muito o nosso Padre desta tarefa pioneira e a última situação a tolerar seria que esta sua contribuição às letras pátrias fosse esquecida. Para cúmulo, Manuel Maria do Bocage, ao traduzir Castel, escreve uma introdução de apologia *ad hominem* e distribui louvores a vários poetas contemporâneos, sem nomear o clérigo. O ressentimento da desfeita merece honras de desabafo poético: “[...] levantas mais orgulhosa a fronte, porque incensam/ As traduções que estólito assoalhas? E chamas douta prefação das Plantas/Ao próprio louvor teu, que impune entoas?” O silêncio, comparado com a prodigalidade distribuída dos elogios, doeu à vaidade do esquecido. E feriu tanto mais quanto era verdadeira a referência feita na *Pena de Talião* à tradução de *A Thebaida*. De facto, Agostinho, numa atitude docilmente confiante, havia submetido o manuscrito do seu arqu-admirado Estácio à aprovação de Bocage⁹. Travaram-se de razões e, como seria de esperar entre poetas desavindos, a arma escolhida para o recontro foi a sátira. Seguido o conselho do *Journal de Trévoux* (1701), de voltar as sátiras para quem as engendra, os dois primeiros versos de Agostinho formaram a preceito o mote neste duelo poético:

*Sempre, oh Bocage, as sátiras serviram
Para dar nome eterno e fama a um tolo.
[...] Tradutor de aluquer, quem são teus zóilos? [...]
Rasteiras cópias de originais soberbos!
Que vulto fazes tu? Quais são teus versos?
[...] Glosar, e traduzir, isto é ser vate? [...]
Que te pode abonar a eternidade?
[...] Ninguém te inveja, te persegue, ou morde, [...]
E queixas-te da sátira?... Foi justa
Do talião a pena... E quem te escapa
À dentada satírica? [...]
Se queres ser louvado aos outros louva.
[...] Não dorme Elmiro, que tu chamas zóilo,
Nem deixa a minha Musa o orgulho impune.¹⁰*

8 Cf. BOCAGE, *Obra Completa, Volume I – Sonetos*, ed. de Daniel Pires, Porto, Edições Caixotim, 2004, p. 241. Itálico nosso.

9 Cf. Vitorino NEMÉSIO, “Introdução” a *Bocage. Sonetos*, 2.^a ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1978, p. 26. A tradução de *A Thebaida* (1797), que nunca veio a público, constaria apenas dos seis últimos livros manuscritos e constituiu o supremo esforço do tradutor, cuja admiração colocava Estácio acima de Homero e de Virgílio. A confiar no Autor, os livros ter-se-iam extraviado (INOCÊNCIO Francisco Da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, t. V, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, p. 211).

10 Vide “Documentos Justificativos”, *Sátira a Manuel Maria Barbosa do Bocage*, in INOCÊNCIO, *Memórias para a Vida Intima de José Agostinho de Macedo* [...], Lisboa, na Typ. da Academia Real das Sciencias, 1899, p. 327.

e realizam a simetria da resposta: “Como hás-de, oh zoilo, eternizar meu nome,/Se os fados permanência a ti vedaram” da bocageana *Pena de Talião*:

*Sátiras prestam, sátiras se estimam
quando nelas calúnia o fel não verte;
[...]Repimpado nos púlpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venais fazendas
[...] Trovejas, enrouqueces, não comoves,
Gelas a contração no centro d'alma: [...]
Arrotas ante o vulgo a Enciclopédia
[...] Arranhas mortos, atassalhas vivos;
Não me envilece ali de frade o soldo [...]
A rapsódia servil, poema intruso,
Pilhagem que fizeste em cem volumes,
[...] Braveja, detractor, braveja insano, [...]
De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Stácio teu de unbadas minhas,
[...] Ousa mais; a Lusíada não sumas
Que o número de versos fez poema, [...]
Expõe no tribunal da eternidade
Monumentos de audácia, e não de engenho:
[...] Mas venha o mais: Epístolas, Sonetos,
Odes, Canções, Metamorfozes, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.¹¹*

Mais tarde, Macedo deixar-nos-á uma definição do autor satírico: “inimigo dos homens; ninguém o ama, e se algum o respeita, é mais possuído do temor, que da estima; todos receiam tê-lo por espectador das próprias acções, e o detestam, como público verdugo da reputação [...] desagrada sempre pelo maligno humor que dele transpira.”¹² Pena que não lhe tivessem ocorrido tais ideias então e pela vida fora.

Como Manuel Maria do Bocage não desse seguimento à polémica, Agostinho reivindicou para si o papel de vencedor. Na correspondência trocada entre Rousseau e Grimm, a propósito da célebre polémica em torno do tema proposto pela Academia de Dijon - *Si les progrès des sciences et des arts ont contribué à corrompre ou à épurer les mœurs* -, o premiado comenta: “Je ne puis pas me persuader que, pour avoir raison, on soit indispensablement obligé de parler le dernier”¹³, bem oposto à conclusão do ofendido Agostinho.

Numa época de transição em que se defrontam cânones estéticos, o que estava em causa, tanto para Bocage como para Macedo, era o reconhecimento da genialidade e cada um chamava a si os louros de outorgar o título de nobreza ao género didascálico. Num ambiente de mornas inquietudes poéticas, defrontavam-se dois temperamentos egolátricos e mitómanos, tão característicos da psicologia da época. E Agostinho acusa: “Brilha a frente do Mérito, e Virtude/De uma luz imortal, de um louro eterno,/Desfecha a Inveja pavorosos raios”¹⁴. A querela estalou brava e foi alimentada por duas facções: de um lado, elmanistas, a corte versejadora de Bocage; do outro, a milícia da efémera Nova Arcádia ou “corja vil”¹⁵, de onde havia sido expulso o sonetista. O “motim literário” elevou a temperatura morna do elogio mútuo, fulanizou em sátiras insultuosas elmanistas e árcades e legou-nos um

11 *Idem*, pp. 333-341. Itálico nosso.

12 Cf. MACEDO, *Semanario de Instrução, e Recreio*, Lisboa, na Imp. Regia, 1813, t. II, N.º 41, p. 233.

13 “Lettre a Grimm” [Melchior], 1751, in *Oeuvres de J. J. Rousseau*, t. IV, Paris, Chez Lefèvre, Libraire, 1819[-1820], p. 50. Rousseau apresentara à Academia o polémico *Discours sur les Sciences et les Arts*.

14 Cf. “Entre as perseguições da Inveja se apura, e descobre mais Merito, e o Talento. Monologo”, in *Semanario da Instrução, e Recreio*, t. I, N.º 8, p. 134.

15 Cf. Jacinto do PRADO COELHO, “A Nova Arcádia”, in *Dicionário de Literatura* (dir. Jacinto do Prado Coelho), 3.º vol., 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978, p. 740.

anedotário tão inútil como fútil, mas, sem dúvida, muito divertido para os *habitué*s do *bas fond* lisboeta. A bem dizer, deste arraial em que as Musas desceram à rua, Bocage saiu consolado, pois encontrou na Marquesa de Alorna protecção para a irmã Maria Francisca e apoio de que muito se orgulhava. Ao dedicar-lhe o 3.º volume – *Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (conhecido igualmente por 3.º volume das *Rimas*), Bocage está a demonstrar a imensa gratidão.

Ao ser-lhe diagnosticado um aneurisma, as Parcas estão próximas e o caro tema da morte mais do que nunca é omnipresente: “Ave da morte (que em teus ais escuto)/Meus dias murcharás, mas não meus louros!”. Na fria manhã de 21 de Dezembro de 1805 - data que passados duzentos anos nos convoca para comemorar a sua obra -, o insigne poeta deixa-nos com 40 anos incompletos.

A prolongada enfermidade de Bocage trouxe um momento de trégua, e, tal como outros árcades, Agostinho, parecendo esquecido de *A Pena de Talião*, foi ao encontro do desenganado *Elmano*, quem sabe se com o propósito deste rasgar a sátira ainda inédita. A celebrar as pazes ficou-nos o soneto “Ao Senhor Agostinho de Macedo - Versos de Elmira os tempos avassalam/ (Versos que imprime em si a Eternidade)/ São novos estes sons na Humanidade;/ Cantas, ó génio, como os deuses falam”. Estes versos deveriam ter deliciado um Macedo esfomeado de glória.

Enterrado Bocage, as tréguas duraram apenas seis anos. Em 1811, voltamos a encontrar no *Motim Literário* (t. II, p. 196) o mesmo tom da *Satira a Manuel Maria Barbosa du Bocage*: “Imitado de Parny, tirado de Dorat, traduzido de Grecourt, extraído de Lucano, trasladado de *Jerusalém*, traduzido de Ovídio, apanhado de Voltaire [...]. Aqui está o homem original, que vem ser propício na empresa do enormíssimo Plagiato”; acusações graves repetidas em *A Miséria, Dialogo* (Lisboa, 1811, p. 50) e, sob o pseudónimo de Ilário Valente (hábito seu), no opúsculo *Carta de um Pai para seu Filho, Estudante na Universidade de Coimbra sobre o Espirito do ‘Investigador Portuguez em Inglaterra’ [...]* (1812). Agostinho aproveita não só para reduzir este jornal a zero e mimosear os seus principais redactores, como, embravecido pela publicação de *A Pena de Talião* na rubrica do jornal “Resposta do Imortal Bocage ao conhecido Trovista J.A.M.”, lembrando doestos - esquecido uma vez mais das fugazes tréguas e do belo *Epicedio* em homenagem a Bocage de 1806 - reduz o poeta a estes termos:

E assim é tudo o que dos outros fez seu este astuto plagiário. Não tinha mais que fogachos desligados, sem a força, a ordem do discurso lógico, ou Retórico [...], mas enfim deixemo-lo, morreu contrito, ao homem abocanhado o deve; morreu abraçando-o.

A memória de Macedo revela-se obnubilada e, em 1815, ao responder a António Maria do Couto, comenta: “Este homem, não só insulta, porém mente. Diga onde está a minha agressão, ou ataque a Bocage?” (*O Couto*, p. 19). Convenhamos, Agostinho não tinha emenda.

Não coincide, porém, com a descrição de Couto o testemunho do Padre quanto ao ter colhido nos seus braços o último alento de Bocage. Se assim fosse não deixaria cair a suspeita sobre o célebre soneto do moribundo *Elmano* no “Soliloquio II” do *Motim Literário*: “Improvisos de Poetas agonizantes, que aparecem mui bem emendados e correctos, e lhes chamam Improvisos”. Com efeito, José Pedro da Silva, o proprietário do Botequim das Parras, amigo de longa data do poeta, foi o mentor da publicação na Imprensa Regia dos *Improvisos de Manuel Maria Barbosa du Bocage na sua mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a seus Bons Amigos, assim como da Coleção de Novos Improvisos de Bocage na sua Moléstia, com as Obras que lhe Foram Dirigidas por Vários Poetas Nacionais* (incluído o *Epicedio* de Macedo) de cuja venda também se responsabilizou e cujos lucros em muito ajudaram o doente. Embora o Professor Couto em relação a Agostinho não seja uma fonte imparcial, a verdade é que emenda Macedo e instala a suspeita ao afirmar: “[...] o Soneto que à hora quase extrema compôs, e a que parece o A. aludir sardonicamente, ditou-o Bocage, e muitos que o rodeavam o escreveram”¹⁶. Como os amigos do poeta conheceriam os derradeiros pormenores da sua morte, admitimos a sua versão.

Ainda em 1813, o rancor de Macedo tornou ao mesmo e escreveu:

16 Cf. António Maria do COUTO, *Exame Crítico do Motim Literário de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, na Imp. Regia, 1811, p. 23.

O Mundo possuía, e o Templo da Glória tinha já sobre o seu maior altar os três volumes das Obras do Poeta; mas aquilo era tão pouco, para satisfazer nossos ânimos [...], e visto ele não ter deixado nada intraduzido, era impossível que não existissem ms. preciosos. Ele traduziu de Grecourt, traduziu de Piron, traduziu de Dorat, traduziu de Legouvé, traduziu de Cbénier, traduziu de Bernard, traduziu de Fontatel, traduziu de Delille, traduziu de Castel, traduziu, traduziu, traduziu...¹⁷

Nestas mesmas *Considerações Mansas Sobre o Quarto Tomo das Obras de Bocage* (1813), Macedo, embora zurza com razão as múltiplas asneiras do pouco escrupuloso editor Desidério Marques Leão, não consegue redimir-se e até faz uma afirmação que acaba por virar-se contra si: “Os seus manuscritos na minha mão ficaram, e na de sua irmã, e agora vão formar o verdadeiro quarto e o quinto volume das suas Obras”. Assinalada a cupidez do editor como único móbil da infeliz edição, seria de esperar que algum dia Agostinho se resolvesse a publicar esta parte do espólio, porém nunca viram a luz os “tais” prometidos quarto e quinto volumes, a legitimar a frase de Vitorino Nemésio: “O P. José Agostinho levará de braçado aqueles inéditos, que bem podiam ser o pão de Maria Francisca, nos dias ruínas.”¹⁸ Entre 1813 e 1814, sob o título de *Verdadeiras Inéditas, Obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage* aparecem outros IV e V tomos, desta feita publicados pelo grande amigo Nuno Álvares Pato Moniz que, por razões de profunda inimizade, excluem em absoluto a colaboração de Agostinho. Que terá, então, acontecido aos inéditos na posse de Macedo?

Outros autores ainda vivos, maiores ou menores em importância, não escaparam à sua “coceira” maldizente. Poetas como Filinto Elíseo foram também alvo dos seus dicitérios. Na disputa entre filinistas e elmanistas, aproveita Agostinho para apontar os dois como responsáveis pelo atraso da poesia portuguesa: “[...] tem aparecido agora dois que fizeram seita, e que contam adeptos, o primeiro é um tal Filinto para os do Mondego, e o segundo é um tal *Elmano* para os do Tejo [...] que longe de adiantarem a beleza sólida da poesia Portuguesa a atrasaram”.

Tivesse Bocage vivido mais tempo e o ódio literário transitaria para o político, como aconteceu com muitos outros a quem Macedo dispensava um lugar cativo nos seus afectos. Com razão, no caso de Pato Moniz, a quem ficou a dever a alcunha de Padre Lagosta: “Mas quem é aquele figurão alambazado, cachago de boi de canga, guedelha d’asno velho, com bochecha de *lagosta* pela cor, e de porco cevado pela alarvaria, que vai cabisbaixo deitando os olhos de revés, e caminhando como cão do Monte desconfiado pela Cidade?”¹⁹. Alguém perdoaria caricatura tão impiedosa, tamanha troça?

3. Macedo e Bocage pré-românticos?

Desde logo, impõe-se perguntar se houve pré-romantismo entre nós? Jacinto do Prado Coelho afirma que em rigor, no país, “não há *Pré-Romantismo* (pois não se trata dum movimento uno e de directrizes conscientes) mas sim *pré-românticos*, cada com sua feição individual e combinando de modo *sui generis* ingredientes neoclássicos e pré-românticos”²⁰. Prado Coelho não está só, lembremo-nos de Henri Peyre em *Qu’est-ce que le Romantisme* (1971). No âmbito deste tema, lembramos que as classificações culturais são sinalizações, conceitos operatórios que agrupam afinidades e cumplicidades de gosto, espécie de combinatória expressiva de certos denominadores, onde se funde uma constelação de pensamento ou uma estrutura artística dentro de uma perspectiva dinâmica e inovadora, responsável pelo movimento da Cultura. Perspectivas que, de autor para autor, sofrem apreciáveis matizes. Assim definidas, e em consonância com a afirmação de Prado Coelho, podemos convir que Agostinho, pela

17 Nas *Considerações Mansas Sobre o Quarto Tomo das Obras Metricas de Manoel Bocage*, Lisboa, na Imp. Regia, 1813, p. 11. Ortografia original.

18 Cf. *op. cit.*, p. 30. Na verdade, em 1812 e 1813, imprimiram-se uns IV e V volumes, mas das *Obras Poéticas* e, segundo INOCÊNCIO (*Memórias para a Vida Intima de José Agostinho de Macedo* [...], p. 94), foram publicados pelo editor Marques Leão, ajudado por José Maria da Costa e Silva, satirizados de resto por Macedo nas referidas *Considerações Mansas* [...].

19 Cf. MONIZ [Nuno Álvares Pato], “Presumpções”, in *Observador Portuguez*, 1818, t. II, N.º XII, p. 132.

20 Cf. “A musa negra de Pina e Melo e as origens do Pré-Romantismo português”, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1959, t. VII, pp. 110-111. Vide também do autor “Pré-romantismo”, in *Dicionário de Literatura*, 3.º vol., p. 868.

tipologia de adesões nas várias vertentes em que se exprime um movimento tão lato e dificilmente classificável como o Romantismo²¹, se enquadra nalguns parâmetros academicamente designados por pré-românticos²². Não é esta todavia a opinião de Alexandre Herculano; tanto na prática como na teoria, Macedo resume o programa arcádico:

*A forma de Arte era o fim da Arcádia, era com formas que Macedo guerreava Camões, era para as formas que construía a montanha de gelo a que pôs o nome - Oriente. Foi ele quem definiu a chama da restauração da Poesia, feita pelos poetas do marquês de Pombal; e os discípulos e admiradores dos arcades, que tão assanbadamente pelejavam com Macedo nem o entendiam, nem se entendiam, e por isso na luta ficaram sempre, e sem excepção vencidos. Quando essas lutas cessaram, e Macedo atirou à balança política a sua pena violenta e mordaz, o ciclo pseudo-poético da escola de Diniz estava completo, devia morrer, e morreu, porque a sua missão acabara. A influência da filosofia literária alemã tinha-se espalhado pela Europa.*²³

Porém, Macedo ao escrever a António Feliciano de Castilho, sobre a censura feita às *Cartas de Ecco e Narciso*, sem grandes rodeios adianta: “Concedo que a poesia romântica é a primogénita de todas as poesias” mas sem atribuir aos alemães e suíços o papel de “primeiros reprodutores desta antiguidade, como diz a tal senhora [Mme. de Staël]”²⁴. Aliás de algum modo esteve a favor do sentimento: “[...] porque ninguém tem a paciência de estar quatro a cinco horas [...] a ouvir o que não percebe; para isto cumpre, que aquela linguagem seja sentimental, e chegue ao coração”²⁵. Não obstante, avisa que as suas “viagens não [são] sentimentais, como as de Stern”²⁶.

Por aquiescência ou apenas porque são raros os que fogem à ambiência condicionante da época, a verdade é que um ou outro sintoma permite o diagnóstico de pré-romântico. Ao longo da sua escrita, Macedo aderiu a certas categorias, a certo pulsar antecipador da emergente mundividência estética. José Agostinho projecta a tensão de certas ressonâncias da nova poética: o exacerbado criticismo, o culto do eu (e como se excede neste tópico...), o tema da natureza, inclusive as apontadas contradições na ordem política e até o “saudosismo”, a saudade do Portugal Velho. O “saudosismo” é uma categoria estética própria dos românticos. Não costuma ser etiquetada de reaccionária a primeira geração romântica? Pertence ao seu contemporâneo Goethe (1749-1832) a seguinte *boutade*: “Le classicisme, c’est la santé. Le romantisme, c’est la maladie.”

Muitos jovens idealistas viveram a emigração, passaram anos no exílio. As duas experiências são definitivas na génese do movimento romântico. O Romantismo de certo modo nasce da ressaca da guerra. Ora intoxicados de futuro pelo abuso de esperança, ora incapazes de se adaptarem às mudanças, para muitos a Revolução teve o dom de Jano. Parte dessa geração olhou o futuro com optimismo e chegou mesmo a pensar que poderia reduzir o seu presente ao grau 0 da História e lançou-se no gosto pelo amanhã. Outra parte, por desencanto ou porque perdeu o conforto de uma época estável, a *forma*

21 António SÉRGIO (*Breve Interpretação da História de Portugal*, Lisboa, Sá da Costa, 1979, p. 142) divide o Romantismo em três períodos, de um modo diferenciado de José-Augusto FRANÇA (*O Romantismo em Portugal, Estudo de Factos Socioculturais*, 6.º vol., Lisboa, Livros Horizonte, 1974-1975) que já o caracteriza em quatro: 1835, 1850, 1865 e 1880, separados por intervalos iguais. *Vide* “Segunda Parte” (1835-1850), Primeiro vol., p. 139 e ss.; “Terceira Parte” (1850-1865), Terceiro vol., p. 542 e ss.; “Quarta Parte” (1865-1880), Quinto vol., p. 901 e ss. Já Alberto FERREIRA (*Perspectiva do Romantismo Português*, Lisboa, Moraes Ed., 1979, caps. III, IV e V) analisa o Romantismo na perspectiva de duas gerações, opção que nos remete para o estudo de Albert THIBAUDET (“Préface” de *Histoire de la Littérature Française de 1789 à nos Jours*, Paris, Lib. Stock, 1936, p. XI).

22 *Vide* José-Augusto FRANÇA, *O Romantismo em Portugal*, 1.º vol., p. 27. O historiador de arte e da nossa cultura observa: “Os historiadores da literatura dão-lhes o nome de ‘pré-românticos’, separando-os, assim, da sua geração ainda submetida a valores clássicos - e nós devemos aceitar este nome, sem dúvida perigoso mas que sugere os caminhos do futuro. Actores no seio da crise de consciência da segunda metade do século XVIII [...]”.

23 Cf. *Repositório Litterario*, Coimbra, Imp. Litteraria, 1868, p. 63.

24 Cf. *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo* [...], com uma Prefacção Crítica por Theophilo Braga, Lisboa, na Typ. da Academia Real das Sciencias, 1900, pp. 195-196.

25 Cf. MACEDO, *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, 1820, t. 1.º, N.º VI, p. 438. No *Motim Literario, em Fôrma de Soliloquios* (Lisboa, na Imp. Regia, 1811, t. II, pp. 228-229) ele voltará a insistir a bem dizer numa estética do sentimento. Vejamos: “O estilo e a frase são como uma casaca, e os sentimentos e os pensamentos são o corpo, que a devem vestir. Os pensamentos e sentimentos são sempre relativos à índole do coração, que os produz, e a frase traz em si o carácter do sentimento e do pensamento que a produz.”

26 Cf. *Semanario de Instrução, e Recreio* (1813), t. II, N.º 46, p. 318.

mundi que abrigava uma mentalidade, rompe com as Luzes, adota a estética do pessimismo saudoso e olha para trás; tão lá para trás, ao ponto de saltar por cima do passado próximo e, nostálgicamente, revisita os alvares da Idade Média, cultivando o *medievismo*, tempo nacionalmente mítico²⁷. Esta foi a situação de muitos românticos de quem, na verdade, Agostinho nem se aproximou, até porque não representou a geração que consubstanciou o paralelismo entre a revolução política e a revolução literária. Macedo, como a sua geração de ideário não pertenceu ao real tempo histórico, viveu a “nostalgia do imediato”, como diria Levi-Strauss.

Com o advento do Romantismo pisamos outro patamar no universo poético, estamos nos antipodas do cânone clássico, as tendências estéticas vêm à cena, as literaturas estrangeiras falam-nos de um pluralismo que desconhece gostos formados pela mesma cartilha, cria-se mais de um público, há profusão de temas em muito opostos aos cânones conhecidos. O Romantismo, a bem dizer, pode-se traduzir numa outra atitude de criação face à existência e à sociedade em geral e, ao invés do movimento das Luzes, na reinvenção da sensibilidade, onde o poeta coloca o acento no sentimento através da exacerbação do eu, também na natureza, na crítica social, e remete para segundo plano a cultura, a razão.

Se o polígrafo Macedo pode ser tido como um pré-romântico, Bocage, com maioria de razão, personifica na íntegra o poeta pré-romântico, o poeta de transição entre o neoclassicismo e o romantismo. Com efeito, a melancolia e a angústia encontradas em Bocage não constam como musas inspiradoras de Agostinho. O lirismo nocturno e pessimista de tons lúgubres à Young - “Velando está minha alma, escurecida,/Envolta nos horrores da tristeza,/Qual tocha que entre túmulos acesa,/Espelha feia luz amortecida.” - demasiado afectados, pareceriam a Macedo ultrajes contra a Natureza²⁸. Na sua opinião, a obra do inglês não contém “um só verso que não seja um acto de ódio, e de desprezo contra a humanidade”²⁹.

A vibração do sofrimento colhe um registo outro na pena deste enamorado do amor e homem de contrição que foi Bocage: “Deus ... ó Deus! quando a morte à luz me roube,/ Ganhe um momento o que perderam anos,/Saiba morrer o que viver não soube!” Se esta prece continua Camões quanto à forma, já o clima bocageano é acentuadamente romântico. A poética macediana desconhece este registo. Na ordem religiosa queda-se por um catolicismo reaccionário, invariavelmente paramentado de santa ira caceteira, tantas vezes a raiar o herético, invocando um certo Deus vingador vetero-testamentário, a cumprir a liturgia do rito, ao contrário do tom romântico que interiorizava na subjectividade o sentimento da fé, presente na obra de Bocage. Tão-pouco se encontram manifestos anti-despotismo ou hinos à liberdade (“Mãe do génio, oh Liberdade!”), como se respira na poesia bocageana:

Sanhudo, inexorável Despotismo
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
 [...] *Assanhas o danado Fanatismo,*
Porque te escore o trono onde te enlevas;
Do livre coração a independência

Na mundividência poética de Agostinho nem a linguagem fantástica nem o *locus horrendus* colhem sentido ou inspiração, nada encontramos equivalente a este soneto: “Oh retrato da morte, oh Noite amiga/Por cuja escuridão suspiro há tanto!/[...]/E vós, oh cortesãos da escuridade, /Fantasmas vagos, mochos piadores,/Inimigos, como eu, da claridade!/Em bandos acudi aos meus clamores;/Quero a vossa medonha sociedade,/Quero faltar meu coração de horrores.” Enquanto o verbo bocageano se apresenta esmaltado do apelo da morte (tema recorrente na sua obra, sobretudo depois de conhecer o cárcere), de pessimismo e se tingue de dolorosa incerteza pelo sentido de deriva provocado pela incógnita do devir, o optimismo providencialista macediano excluía o “mal de vivre”. Apenas na ordem política, quando passa a “fundibulário integrista”, a consciência de um futuro nebuloso foi responsável

27 Cf. Jacques LE GOFF, “Idades Míticas”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 334. O autor observa como o romantismo, “sobretudo o alemão, por oposição ao ‘progressismo’ das Luzes, muitas vezes virou os olhos para um retorno à Idade de Ouro”.

28 Cf. *Motim Literario* [...], t. I, p. 249.

29 Cf. *Cartas Filosóficas a Attico*, Lisboa, na Imp. Regia, 1815, p. 254.

por certa efusão nostálgica. Neste registo, sim, parece de algum modo comungar do espírito da primeira maré pré-romântica conservadora e reaccionária, quando esta eleva o tradicionalismo a programa, a fim de resguardar os valores do passado. Em suma, o seu “pré-romantismo” é ainda uma fracção da sua ideologia conservadora ou anti-iluminista.

De um modo geral Macedo trata os temas poéticos de um modo asséptico, permanece cristalizado num arcadismo didascálico, num arcadismo imobilizado. Na verdade, o reino não se deitou absolutista e neoclássico para acordar liberal e romântico³⁰. O romantismo, fruto seródio em Portugal, só conhecerá bom abrigo para a nova sensibilidade estética na geração exilada de um Garrett e de um Herculano, contudo pensamos que Bocage intuiu mais do que pressentiu o que era substantivo no programa emergente; poderia estar longe de perceber o seu clima iconoclasta, de oposição às Luzes, mas na sua poesia pulsa a subida saudável de tensão entre a sociedade e a arte. A demonstrá-lo - a sua dimensão crítica, sem todavia podermos jamais equipará-lo a Nicolau Tolentino.

Abordar poeticamente Bocage e Macedo equivale a entender duas estesias distintas, duas visões do mundo, modos diversos de sentir a realidade e a existência. Embora nos dois o sentido luminoso da poesia esteja ausente, em Bocage - na sua poesia séria, nalguns belos sonetos, na lírica - atinge-se um certo cimo de poesia pura.

Para concluir, algumas linhas: a literatura com o Macedo da primeira fase (o literato) e o poeta Bocage ainda se afirma no plano lúdico, ainda é inocente, não tem consciência ideológica. Na época, a poesia, a acção literária, desciam à rua, aí prolongavam os outeiros e os saraus. Ambos foram percursores de um cultural como espectáculo, fosse sermão ou poema, procuravam e obedeciam a um público. Daí a emulação, o duelo de vaidades.

30 Cf. Ricardo NAVAS RUIZ, *El Romanticismo español*, Madrid, Ed. Cátedra, 1982, p. 11.